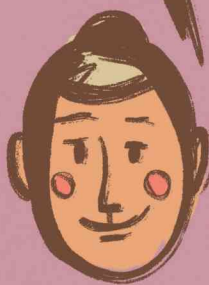
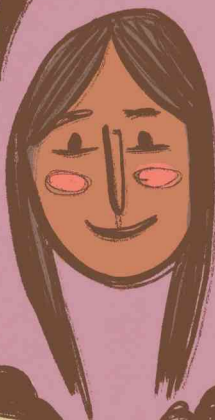
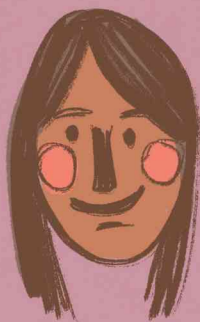
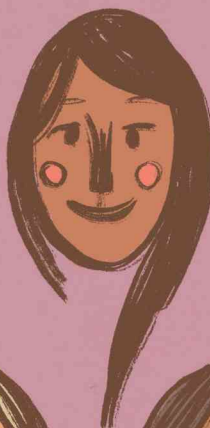
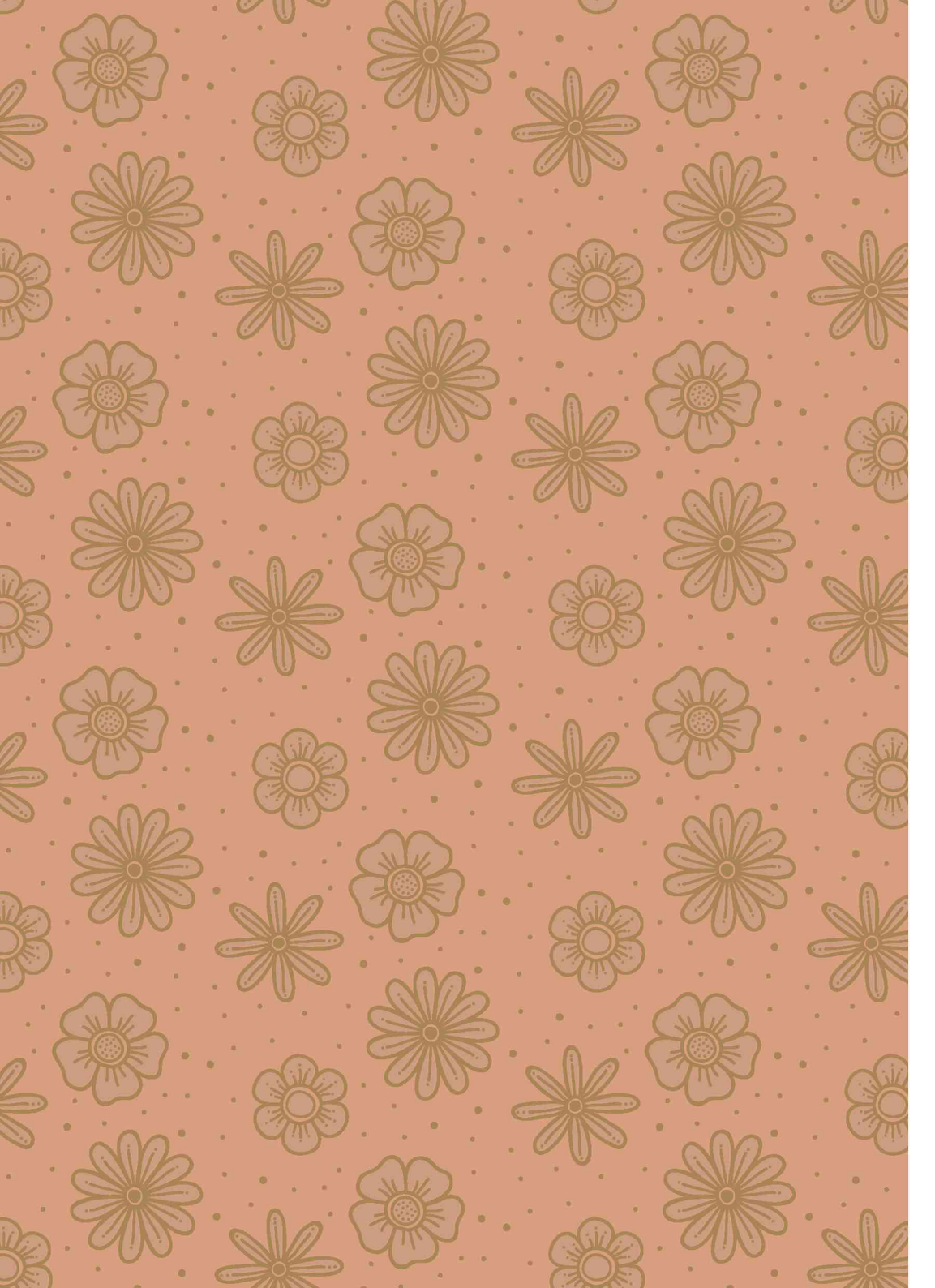


Marias que lutam!

Vera Lúgia Costa Westin
Clarissa Nascimento Duarte





Marias que lutam!

Vera Lúgia Costa Westin
Clarissa Nascimento Duarte

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Existem algumas coisas na vida que a gente se acostuma e acha que são o "normal", que têm que ser assim mesmo. Mas será que, do jeito que estão, elas são justas e boas para todos? Um exemplo disso é a realidade das mulheres do campo.

A vida que elas levam é sempre de muito trabalho, na lavoura e dentro de casa. Mesmo assim, poucas conseguem pôr a mão no dinheiro que esse trabalho rende. E olhe que quase todas trabalham junto com os maridos nas plantações! Até a renda da venda das quitandas e dos queijos que elas fazem, dos ovos das galinhas e das verduras das hortas, que **são elas que cuidam**, quase nunca é delas. Por quê será? Algumas dessas mulheres nos contam sobre essa realidade.

A Dona Zinha, uma agricultora que coordena um grupo de mulheres no assentamento onde mora, conta: "Botei a minha renda na mão do meu marido, por trinta e tantos anos! Tudo o que eu fazia era posto por mim na mão dele!" E ela também fala que as mulheres do campo raramente têm voz ativa pra decidir o que vai ser feito na casa e nas lavouras e que esse modo de fazer foi passado para elas como uma

Submissão é quando você está em uma situação em que se deve obedecer. coisa que devia ser sempre assim, pois a mulher não seria capaz. “Isso vem da própria família. Então, isso vai tirando da gente a capacidade de fazer, de fazer acontecer, de buscar”. Dona Lúcia fala que sua mãe “tem uma agonia dentro dela. Ela tem vontade de fazer tanta coisa e ela não se acha capaz”. Em sua opinião, sua mãe não tem autonomia para decidir, acostumou a aceitar só o que o pai e depois o marido falavam, achando que esse é o lugar que ela devia ocupar, o lugar de submissão. Renata, que está no movimento de mulheres há alguns anos, também conta que já viu maridos que fazem crescer esse sentimento de não ser capaz, com palavras humilhantes: “Você é burra! Não aprende nada!”.

6

Mas essa é uma situação que pode mudar? E como poderia mudar?

Ouvimos sempre falar de movimentos sociais: Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e muitos outros, dentre eles, movimentos de mulheres. Os movimentos sociais são uma reunião de pessoas que têm os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e começam a conversar sobre eles e buscar soluções coletivas.

Eles fazem encontros, caminhadas, acampamentos nos lugares públicos onde ficam os governantes e os deputados, reivindicando que o governo faça alguma coisa para resolver esses problemas. Fazer alguma coisa, quando se fala em governo, significa elaborar e implementar políticas públicas, programas e ações, o que geralmente **só** acontece se a gente se movimentar e brigar por isso. Nas comunidades do campo não é diferente: formam-se movimentos com diferentes nomes, mas com o mesmo objetivo. Geralmente, existe alguma instituição que estimula e apoia esses movimentos: ONG, igrejas, sindicatos.

Os movimentos de mulheres, em especial, têm o objetivo de melhorar as condições de vida das mulheres no trabalho, na família etc., mostrando que elas têm direitos e não precisam ser submissas à pais e maridos. Então, quando os movimentos de mulheres chegam às comunidades, com formação de grupos de discussão, cursos e seminários, as mulheres são convidadas a participar das reuniões, a formar grupos sobre diversos assuntos. Mas muitas não aceitam o convite, ou seus maridos não permitem que elas o façam.

Organizações Não Governamentais (ONG) são aquelas que oferecem vários serviços em diferentes áreas sociais, como saúde e educação, sem ter como objetivo lucrar.

Eliete, uma agricultora que é coordenadora de sindicato e participa muito dos movimentos, conta que, a toda hora, ela sabe de vizinhas da comunidade que têm que pedir para poder sair, que têm que pedir dinheiro para passagem se as reuniões são na cidade ou em outras comunidades. Às vezes, então, elas têm até vontade de ir, mas já não querem nem perguntar em casa. “Elas estão muito ‘pode, não pode’, como se fossem criancinhas. Hoje, nem muitas crianças estão assim mais...” Renata também conta que há os maridos que não deixam as mulheres participarem. E Dona Zinha, hoje, não aceita mais a submissão: “Eu não consigo concordar com isso aí de jeito nenhum! Eu acho que a mulher tem que ter a autonomia dela! Esse negócio de ter marido pra mandar, pra fazer o que quer com o dinheiro da mulher e a mulher não fazer nada... Isso pra mim não é marido não! Marido pra mim é outra coisa...”.

Algo muito importante que as mulheres falam é que, nas reuniões dos movimentos, elas têm oportunidade de conhecer o novo e de trocar ideias sobre as dificuldades que vivem. As que não tiveram como estudar querem ser alfabetizadas ou completar os estudos. Muitas tiveram que sair da escola, porque tinham que ajudar na roça ou porque, quando eram

crianças, não tinham nem escola perto de casa nem transporte escolar. Dona Elizabeth conta como a sua participação foi importante. "Esse encontro de grupo, esse intercâmbio, ajudou a mulher a resgatar a autoestima, a aprender coisas. A gente sente assim: Nossa! Eu também sou capaz! Às vezes, a gente fica lá no cantinho da gente só falando: Fulano sabe tanta coisa e eu não sou capaz de nada, não sei nada. Mas isso está ali guardado, dentro da gente. E, de repente, a participação ajudou a gente demais, muito mesmo. Não só por causa de oficinas que a gente fez, mas pra gente reunir, discutir, falar, sobre muitas coisas".

É um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher

9

Participar para conhecer, aprender e mudar! Se existe o machismo, a submissão, então, é só você tendo conhecimento que você consegue se libertar, como diz a Eliete: "Você tem que participar pra você conhecer, porque não tem como eu passar o meu conhecimento pra você, não é verdade? Porque conhecimento é uma coisa que você adquire dia a dia. É dia após o outro. E, se não participa, não aprende e, aí, não se liberta". Não se liberta desse sentimento de não ser capaz, desse costume de o homem mandar e a mulher obedecer, de o serviço de casa ser só coisa das mulheres, de achar que o trabalho da mulher é uma "ajuda".

Dona Zinha voltou para a escola, quando os filhos já estavam criados. Desde criança ficou o desejo de continuar estudando, depois que seu pai falou que ela tinha que deixar a escola porque precisava ajudá-lo na lavoura. E ela diz que essa volta à escola foi o que provocou “esse gostar de comunicar... participar. Foi depois que eu vim pro assentamento onde moro e que eu comecei no grupo. Numa reunião foi que surgiu o sonho das mulheres de trabalhar junto, de ter um grupo. Eu vejo, assim, o valor da gente ser grupo e conseguir pelo menos conversar, estar provocando isso nas mulheres. Então, eu vejo que elas estão desenvolvendo, abrindo os olhos. É por isso que eu sou apaixonada com esse negócio aí de movimento, de juntar as pessoas.”

Dona Lúcia reforça essa ideia de união e participação para conhecer e transformar: “Então eu acho que as mulheres do campo, elas precisam se unir mais e buscar o espaço delas. Uma ser companhia e companheira da outra pra buscar o espaço. Buscar aprender sempre. Eu acho que isso também faz parte da nossa vida. De entender que a nossa vida é um processo do cotidiano, assim, do dia a dia. E que tudo deve servir de aprendizagem”. E aquelas que

participam já começam a mostrar para as outras que as coisas podem ser diferentes, se as mulheres se mexerem desse lugar de acomodação.

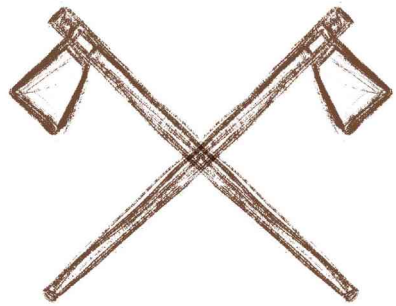
A participação nos movimentos traz também conhecimentos sobre a importância de conhecer alternativas de plantio. Eliete revela: “Meu sonho é que a gente consiga avançar cada vez mais na agroecologia. A participação nos movimentos transforma a gente todo dia. Porque cada coisa que participa, cada encontro que vai, é uma mudança que a gente tem, não é? Quanto mais você aprende, mais você muda!”. Renata já observou que quando as mulheres participam ativamente das reuniões e encontros, até o vínculo em casa melhora. A participação traz novidades que elas levam pra casa. “Não é só vir e bater papo. Elas levam uma experiência. A gente visita propriedades. É experiência de plantação, de mudas. Sempre leva uma semente pra poder plantar em casa. É conhecimento, aprendizado.”

E a reação dos maridos acaba sendo de aceitar as mudanças, na maioria das vezes, mesmo que não gostem muito. Renata conta de um homem que assim

falou da sua mulher: "Você está muito mudada!". E ela respondeu: "Sim, mudei. Não tem boba aqui mais não!". Na verdade, Renata conclui que, quando as mulheres mudam o modo de agir, muda a vida da família para melhor. Melhora o diálogo, porque, nos programas de formação, sempre se fala que a família tem que ter diálogo. Então, eles têm que planejar as vendas, tudo tem que ser junto com a família. E, aí, as mulheres também aprenderam com jeitinho a lidar com essas resistências dos maridos. D. Zinha aprendeu que o dinheiro do trabalho que ela faz é dela. Mas seu marido resiste até hoje. Ela agradece a Deus e ao movimento de mulheres por ter conhecido outro modo de viver. E ela já entendeu que as crianças e jovens também precisam ter a oportunidade de conhecer esse outro lado. Como a Abgair, filha da Eliete, que já faz parte de um grupo de jovens e até já foi a um encontro nacional da juventude do campo em Recife. Dona Zinha, então, pensa em formar um grupo de meninas na comunidade onde mora para começar a discutir esses assuntos. O recado que ela quer deixar para essas mulheres e meninas é continuar na luta, porque vale a pena ser mulher do campo. "Vale a pena acreditar no que faz e ser capaz! Essa é a minha luta, esse é o meu desafio: deixar isso bem plantado no

coração dos filhos. E o que eu deixar aqui, servir pra eles de um exemplo”.

Dona Zinha, Lúcia, Renata, Eliete, dona Elizabeth são apenas exemplos das muitas “Marias” que vivem e trabalham na zona rural e que lutam para criar uma nova realidade. É Dona Zinha quem resume o que os movimentos e a união das mulheres pode fazer por elas “Como o movimento transformou a gente! Muito mesmo, nossa! Uma transformação que vem de dentro e ninguém arranca isso mais. De jeito nenhum! Vem de dentro e transforma a cada dia”.



Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

